

## O BRANCO NO PRETO: AS NEGRAS EXPRESSÕES DE RACISMO NA LITERATURA BRASILEIRA

---

José Lemos Monteiro  
(UNIFOR)

### O PRECONCEITO RACIAL NO BRASIL

---

Costuma-se defender e difundir entre nós a falsa idéia de que somos um povo imune ao preconceito racial: o princípio constitucional que preserva a igualdade de direitos e deveres para todo cidadão brasileiro é, para muitos, a prova e garantia de que, nessa terra abençoada, pretos e brancos convivem harmonicamente num clima de respeito e mútua solidariedade.

Na prática, porém, sobretudo em razão da profunda desigualdade sócio-econômica, o negro em geral é discriminado e a todo momento se podem constatar fortes indícios de um preconceito que, hipocritamente, se tenta negar. E tais indícios devem com certeza revelar-se no uso cotidiano da língua, desde que esta cumpre a função de expressar a própria cultura.

Sempre intuímos a veracidade dessa hipótese: o brasileiro denuncia em suas formas de manifestação lingüística um sentimento de desvalorização ou até de aversão ao negro e, de modo oposto, uma atitude de apreço e respeito pelo branco. A todo instante, ouvimos e empregamos construções que ratificam esse preconceito, a exemplo de *página negra*, *ver a coisa preta*, *preto como o diabo*, *preto de alma branca*, *peste negra* e inúmeras outras.

Não é difícil constatar que, até nos mecanismos de formação do léxico, estão arraigadas essas conotações. Assim, ri-mando com *estrume*, o sufixo [ume] se aplica aos lexemas “negro” (*negrume*) e “preto” (*pretume*), porém não a “branco” ou “alvo”.

É possível, sem dúvida, perceber na utilização desse morfe algum valor pejorativo (cf. ainda os derivados *azedume*, *cerume*, *curtume* e *queixume*), tal como ocorre na variante [um] em *bodum*. Outro forte indício é o da formação do verbo *denegrir*, cujo significado original de “tornar negro” evoluiu para o de “manchar”, “macular” ou “infamar”.

Aliás, basta consultar o *Dicionário Aurélio* para se comprovar a diversidade de conotações atribuídas aos lexemas “preto” e “branco” ou “negro” e “alvo”. Destacamos alguns dos significados de tais verbetes:

#### Preto

Que tem a mais sombria de todas as cores.

Sujo, encardido.

Bras. Difícil, perigoso; roxo.

#### Negro

5. Sujo, encardido, preto.

7. Muito triste; lúgubre.

8. Melancólico, funesto, lutuoso.

9. Maldito, sinistro.

10. Perverso, nefando.

No mesmo verbete, o referido dicionário registra uma série de expressões correntes na língua, em que o adjetivo *negro* tem conotações negativas: *humor negro*, *lista negra*, *magia negra*, *mercado negro*, *ovelha negra* etc.

#### Branco

[Do germ. blank, ‘luzidio’, ‘brilhante’, acepç. que sobrevive na expr. arma branca.]

2. Da cor da neve, do leite, da cal; alvo, cândido.

4. Claro, translúcido.

6. Prateado, argentado, argênteo.

9. Fig. Sem mácula; inocente, puro, cândido, ingênuo.

#### Alvo

Fig. Puro, inocente, cândido.

Constatados esses fatos, decidimos investigar o emprego de tais lexemas entre os nossos escritores. Nossa convicção inicial era logicamente a de que os significados conotativos ou valores sociais e expressivos já dicionarizados poderiam ser aboadados em determinadas obras literárias e até seria possível, em função do momento histórico, analisar a evolução do preconceito racial no Brasil. Mas a coleta que realizamos nos causou uma enorme perplexidade: jamais imaginávamos que o sentimento de desvalorização do negro pudesse ser expresso de forma tão intensa e cruel.

## 2. AS PROVAS DOCUMENTAIS

O *corpus* estabelecido para a investigação previu a coleta de enunciados em cem obras literárias, produzidas desde o período de nossa formação até os dias atuais, nos mais diversos gêneros e estilos. Entre as obras poéticas foram rastreadas as de Basílio da Gama, Álvares de Azevedo, Alphonsus de Guimaraens, Castro Alves, Cruz e Sousa, Cláudio Manuel da Costa, Fagundes Varela, Gonçalves Dias, Gregório de Matos e Murillo Araújo. A escolha dos textos em prosa incidiu sobre as obras de Machado de Assis, Manuel Antônio de Almeida, Raul Pompéia, Martins Pena, Lima Barreto, José de Alencar, Inglês de Sousa, Euclides da Cunha, Bernardo Guimarães, Adolfo Caminha, Antônio Vieira, Aluísio de Azevedo e Alcântara Machado.

Em todos esses escritores os lexemas “negro” e “preto” são em geral empregados de forma depreciativa, contrariamente a “branco” e “alvo”, com frequência usados com valores positivos. É curioso que, até mesmo na poesia de Castro Alves, que tanto lutou em favor da libertação dos escravos, essas conotações se fazem presentes, como prova de que se encontram sedimentadas no inconsciente coletivo de nosso povo. Assim, em sua *Obra completa*, podemos destacar versos como os seguintes: “E quando a negra insônia te devora”; “Quando Ela veio — a negra feiticeira — // A libertina, lúgubre bacante”; “Hoje... o porão negro, fundo, // Infecto, apertado, imundo”; “Legiões de homens negros como a noite, // Horrendos a dançar... // Negras mulheres, suspendendo às tetas // Magras crianças, cujas bocas pretas // Rega o sangue das mães”; “Corre nas veias negras desse mármore // Não sei que sangue vil de Messalina”.

Mais curioso ainda é que a exaltação do branco e a aversão ao negro são extremamente ostensivas na poesia de Cruz e Sousa, revelando uma postura de inferioridade e de submissão. A apologia das formas brancas, interpretada pelo críticos como um traço do estilo simbolista, tem outros significados e uma motivação talvez inconsciente: implica que o negro seja percebido sempre de modo pejorativo. É o que denunciam inúmeros versos: “E a plácida, a ideal, a branca lua // Derrama nos vergéis a luz divina...”; “Oásis brancos e miraculosos”; “E que o anjo branco e belo da saudade”; “E todo o sonho castamente branco”; “[...] um sonho celestial e branco”; “Porque afinal as consciências brancas // São imponentes como as grandes águias”; “Castas e brancas como as inocências”; “Brancas e virginais eucaristias...”; “Aos sonhos brancos, que não são da Terra, // Dá, sorrindo, o teu braço...”; “Como abrem asas brancas de clemência”; “Morta na flor da castidade branca...”

Esse sentimento de pureza, insistimos, contrapõe-se às noções de sujeira, culpa e pecado atribuídas preconceituosamente ao “negro”. Assim, canta o Cisne Negro: “O vinho negro do imortal pecado // Envenenou nossas humanas veias”; “Da negra morte

tétrica velhusca...”; “Na hora glacial da negra Morte imensa...”; “Tu’ alma deve ser bem negra e triste // Se os olhos são, decerto, o espelho d’alma”; “Que negro, soturno fel”; “A sombra dos supremos sofrimentos // Que te abalaram como negros ventos”; “São prantos negros de furnas // Caladas, mudas, soturnas”; “E de flores leprosas da luxúria, // De flores negras, infernais, medonhas”; “A Terra é sempre a tua negra algema”; “O mundo para ti foi negro e duro”; “Estrela negra, tenebroso fruto”; “Alma ferida pelas negras lanças // Da Desgraça, ferida do Destino”; “Trazem-me os ventos negros calafrios // E os soluços das almas doloridas”; “Tudo negro e sinistro vai rolando.”

Com essa pequena amostra, uma dedução se impõe de imediato: se Castro Alves e Cruz e Sousa assim se expressam, o que se pode esperar de outros escritores brasileiros? E, de fato, em nossa literatura os exemplos são contundentes. Quantificados, comprova-se que em torno de 90% os lexemas “negro” e “preto” são empregados de forma pejorativa, enquanto de forma inversa e quase na mesma proporção, os lexemas “branco” e “alvo” sugerem valores positivos.

### 3. OS VALORES CONOTATIVOS

Com base num total de 750 exemplos, decidimos levar a termo um inventário das associações a que se submetem os lexemas “negro” e “preto”, no sentido de perceber a real dimensão do preconceito racial no Brasil. Intuímos que um método bastante eficaz seria o de verificar, por exemplo, os enunciados ou sintagmas em que ocorrem tais lexemas. Nossa análise preliminar veio demonstrar que os significados expressos em função do contexto frasal quase sempre remetem a valores culturalmente interpretados como negativos ou pejorativos. Identificamos a seguir, com as abonações necessárias, as conotações que nos pareceram mais evidentes.

### 3.1. DEPRECIAÇÃO, MENOSPREZO, DISCRIMINAÇÃO

- Se não fosse aquela pinta negra, que tem na face, seria mais suportável. (Bernardo Guimarães, *A escrava Isaura*, p. 47)
- Não diga asneiras! Pois você queria ver sua filha confessada, casada por um negro? (Aluísio Azevedo, *O mulato*, p. 13)
- Se você viesse a ter netos, queria que eles apanhassem palmatoadas de um professor mais negro que esta batina? (Aluísio Azevedo, *O mulato*, p. 13)
- Casar minha neta com filho de uma negra?! Você mesmo não se enxerga! (Aluísio Azevedo, *O mulato*, p. 179)
- Não é que ele tivesse ojeriza particular aos pretos. O que ele via no fato de haver um preto famoso tocar violão, era que tal coisa ia diminuir ainda mais o prestígio do instrumento. (Lima Barreto, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, p. 35)
- A gente, para eles, um pouco mais que animais, eram uns negros à-toa. (Lima Barreto, *Histórias e sonhos*, p. 69)

### 3.2. MORTE, TRAGÉDIA, DESGRAÇA, SINISTROS

- Oh! o senhor está com idéias negras! Eu não creio na morte; creio só na vida e na glória. (Machado de Assis, *Iaiá Garcia*, p. 7)
- Arranca-me desta abominável mortalha preta, em que me envolveram desde o berço! (Aluísio Azevedo, *A mortalha de Alzira*, p. 126)
- A noite escura // É negra como um túmulo. (Álvares de Azevedo, *Poemas malditos*, p. 59)
- Comecei a achar a religião de insuportável melancolia. Morte certa, hora incerta, inferno para sempre, juízo rigoroso; nada mais negro! (Raul Pompéia, *O Ateneu*, p. 39)

- A segunda carroça representava o Império dos Persas, e tiravam por ela cavalos negros, cor de tristeza e luto, porque também os Persas afligiram e foram lutosos aos Hebreus. (Antônio Vieira, *Sermões escolhidos*, p. 12).
- Aí soube eu que meu salvador tinha morrido afogado por minha culpa. Era uma sina, e negra; e por isso ri-me (Álvares de Azevedo, *Noite na taverna*, p. 12)
- Agora, enchei os copos; o que vou dizer-vos é negro: é uma lembrança horrível, como os pesadelos no Oceano. (Álvares de Azevedo, *Noite na taverna*, p. 13)
- Nessa torrente negra que se chama a vida, e que corre para o passado enquanto nós caminhamos para o futuro (Álvares de Azevedo, *Noite na taverna*, p. 27)
- É preciso que esse adeus seja longo como a vida. Vês, minha sina é negra: nas minhas lembranças há uma nódoa torpe. (Álvares de Azevedo, *Noite na taverna*, p. 49)
- Maldita a folha negra // Em que Deus escreveu a minha sina. (Álvares de Azevedo, *Poemas malditos*, p. 63)
- [...] o futuro se lhe antolhava carregado das mais negras e sinistras cores (Bernardo Guimarães, *A escrava Isaura*, p. 15)
- [...] o quadro negro da sua desgraça futura. (Inglês de Sousa, *O missionário*, p. 113)
- Todo esse encanto, a asa negra do infortúnio o apagou em um momento. (José de Alencar, *Encarnação*, p. 8)
- E de fato apresentou com as cores mais negras, e com a ênfase mais dramática, não só o risco iminente que na sua opinião tinha corrido a casa inteira, mas os perigos que ameaçavam ainda a paz e sossego da família. (José de Alencar, *O guarani*, p. 51)

Em contraste, “branco” e “alvo” sugerem vida, luminosidade e brilho, como se verifica nos seguintes exemplos:

- [...] as estrelas passavam seus raios brancos entre as vidraças de um templo. (Álvares de Azevedo, *Noite na taverna*, p. 6)
- A natureza corava ao primeiro beijo do sol, como branca donzela ao primeiro beijo do noivo (Álvares de Azevedo, *Noite na taverna*, p. 32)
- [...] as nuvens eram brancas como um véu recamado de pérolas da noite. (Álvares de Azevedo, *Noite na taverna*, p. 14)
- Que anjos brancos, soberbos, deslumbrantes, // Resplandecentes nos broquéis das vestes (Cruz e Sousa, *Obra completa*, p. 47)
- Véus brancos de Visões resplandecentes (Cruz e Sousa, *Obra completa*, p. 76)

### 3.3. DESGOSTO, AMARGURA, SOLIDÃO

- E um desgosto negro e profundo assoberbou-lhe o coração. (Aluísio Azevedo, *O cortiço*, p. 60).
- Um negro desgosto comia-a por dentro, como tubérculos de tísica, e tirava-lhe a vontade para tudo que não fosse chorar. (Aluísio Azevedo, *O cortiço*, p. 72).
- [...] as longas horas de amargura que arrastei na minha negra solidão! (Aluísio Azevedo, *A mortalha de Alzira*, p. 71).
- Umam devoram negras amarguras, // Repousam outras em marmóreo leito! (Fagundes Varella, *Poesias completas*, p. 122)
- José da Silva sentiu mais negra por dentro a sua viuvez. (Aluísio Azevedo, *O mulato*, p. 29)
- A angústia negra o coração me morde. (Murillo Araújo, *Carilhões*, p. 5)

### 3.4. TRISTEZA, TÉDIO, MELANCOLIA

- [...] olhos grandes e negros, cheios de tristeza soberana e profunda. (Euclides da Cunha, *Os Sertões*, p. 301)
- [...] negra melancolia que devorava a pobre mãe desgraçada. (Inglês de Sousa, *O missionário*, p.12)
- Flores negras do tédio e flores vagas // De amores vãos, tantálicos, doentios... (Cruz e Souza, *Obra completa*, p. 3)
- [...] a negra saudade da sua vida passada o acompanhava (Inglês de Sousa, *O missionário*, p. 78)
- Mas sua alma, negra de tristura, teve ainda um pálido reflexo para iluminar a seca flor das faces. (José de Alencar, *Iracema*, p. 23)

Os valores atribuídos a “branco” e “alvo” sugerem, ao contrário, a alegria, a paz, o bem-estar, como se pode perceber nos enunciados a seguir:

- [...] avistaram o campanário branco e alegre do Coração de Jesus (Adolfo Caminha, *A normalista*, p. 11)
- [...] tiravam por ela cavalos brancos, cor pacífica e alegre (Antônio Vieira, *Sermões escolhidos – História do futuro*, p. 12)
- As nossas noites serão como os regatos tranqüilos, em que se abrem os nenúfares, brancos e perfumados como sonhos de amor. (Aluísio Azevedo, *A mortalha de Alzira*, p. 12)
- [...] isso tudo ao despertar dos sonhos alvos da madrugada (Álvares de Azevedo, *Noite na taverna*, p. 21)
- A branca lua // Pura se erguia na celeste abóbada, // Tudo era paz e amor (Fagundes Varella, *Poesias completas*, p. 132)

### 3.4. MAUS PRESENTIMENTOS, PREOCUPAÇÃO

- [...] a negra preocupação que lhe haviam deixado (Inglês de Sousa, *O missionário*, p.107)
- Eram negras e desesperadas, as suas idéias. (Lima Barreto, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, p. 106)
- mal que assim me assombra // é apenas minha sombra // que é negra-negra. Olhai! (Murillo Araújo, *Carrilhões*, p. 13)
- Não adiantava nada que o céu estivesse azul porque a alma de Nicolino estava negra. (Alcântara Machado, *Brás, Bexiga e Barra Funda*, p. 38)

### 3.5. MEDO, SUSTO, TERROR

- Contrastando com tudo isto, destacava-se, dependurada na parede, uma formidável palmatória de dar bolos, negra, terrível e muito lustrosa de uso. (Aluísio Azevedo, *O mulato*, p. 78)
- [...] desenrolava um quadro assustador, profetizando, com as negras cores da sua experiência (Aluísio Azevedo, *O mulato*, p. 133)
- E curvei-me no abismo: tudo era negro: o vento lá gemia embaixo nos ramos desnudos, nas urzes, nos espinhais ressequidos, e a torrente lá chocalhava no fundo escumando nas pedras. (Álvares de Azevedo, *Noite na taverna*, p. 23)
- Negros pavores sepulcrais e frios (Cruz e Sousa, *Obra completa*, p. 45)
- [...] ao ouvir os gemidos cavernosos de seu peito, e os gritos de raiva rangendo entre seus dentes cerrados — no volver da mão negra de um pesadelo. (Álvares de Azevedo, *Poemas malditos*, p. 84)

- Nem se vê sol, nem lua, nem estrelas, porque as nuvens espessas e negras escondem todas as luzes do céu, e tudo no mar, para maior horror, é uma escuridade medonha. (Antônio Vieira, *Sermões escolhidos – Maria Rosa Mística*, p. 10)

### 3.6. AZAR, AGOURO, FATALIDADE

- [...] idéias lúgubres, como aves negras que pousavam de chofre num arvoredo, alvoroçadas, cantando sinistramente. (Adolfo Caminha, *A normalista*, p. 112)
- Do negro espectro soava. (Gonçalves Dias, *Poesia completa*, p. 47)
- De negro, feio agoiro, que esvoaçam (Gonçalves Dias, *Poesia completa*, p. 43)
- Já vos disse que não vejo as coisas tão negras como vós, Sr. D. Antônio. (José de Alencar, *O guarani*, p. 24)
- [...] não vê numa borboleta negra a sibila fatídica que lhe anuncia a perda da mais bela esperança? (José de Alencar, *O guarani*, p. 243)
- [...] a lúgubre bandeira negra de uma revolta inesperada (Euclides da Cunha, *Contrastes e confrontos*, p. 32)

### 3.7. INVEJA, DESPEITO, RESSENTIMENTO

- [...] era ainda a prosperidade do vizinho o que lhe obsedava o espírito, enegrecendo-lhe a alma com um feio ressentimento de despeito. (Aluísio Azevedo, *O cortiço*, p. 8)
- Negro sarcasmo em lábios de poeta. (Álvares de Azevedo, *Poemas malditos*, p. 78)

- A negra mágoa, a indefinida pena... (Cruz e Sousa, *Obra completa*, p. 23)
- Lembra o negro sarcasmo enorme da Matéria. (Cruz e Sousa, *Obra completa*, p. 148)
- A gargalhada // Ríspida, negra, irônica, pesada (Cruz e Sousa, *Obra completa*, p. 172)

### 3.8. DESTRUIÇÃO, ESTRAGOS, MANCHAS

- Há dias em que me levanto alegre e viva como uma criança; papai diz que são os meus dias azuis. Há outros em que tenho vontade de quebrar tudo, e não digo mais de duas palavras em cada hora; são os meus dias negros. (Machado de Assis, *Iaiá Garcia*, p. 71)
- Esses dous pontos negros vinham estragar a beleza azul do céu e torná-lo pesado e melancólico. (Machado de Assis, *Iaiá Garcia*, p. 92)
- [...] o vapor formava um penacho de fumo negro que maculava o esplêndido céu azul dum meio-dia de dezembro. (Inglês de Sousa, *O missionário*, p.167)
- Estela não respondeu nada; cravou os olhos numa nuvem negra, que manchava a brancura do luar. (Machado de Assis, *Iaiá Garcia*, p. 42)
- Oh céus! Que negro horror! Tinha ficado // Imperfeita a pintura, e envolta em sombras. (Basílio da Gama, *O Uruguai*, p. 31)
- Meu Deus! Meu Deus! Por que tanta infâmia, tanto lodo sobre mim? Ó minha Madona! Por que maldissestes minha vida, por que deixastes cair na minha cabeça uma nódoa tão negra? (Álvares de Azevedo, *Noite na taverna*, p. 35)
- A mais brilhante festa religiosa (que eram as mais freqüentadas então) tomava um aspecto lúgubre logo que a igreja se en-

chia daqueles vultos negros, que se uniam uns aos outros, que se inclinavam cochichando a cada momento. (Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias*, p. 20)

### 3.9. CRIME, MALDADE, PRISÃO

- Ana Rosa, esse Raimundo tem a alma tão negra como o sangue! Além de mulato, é um homem mau sem religião, sem temor de Deus! (Aluísio Azevedo, *O mulato*, p. 169)
- [...] a tempestade agita as negras asas homicidas (Aluísio Azevedo, *O cortiço*, p. 26)
- [...] e o fato de não ser branco constituía só por si um crime. (Aluísio Azevedo, *O mulato*, p. 23)
- Vês, Bertram, esse era o meu presente: agora será, negro embora, um sonho do meu passado. Sou tua e tua só. Foi por ti que tive força bastante para tanto crime (Álvares de Azevedo, *Noite na taverna*, p. 11)
- Um negro pensamento lhe passava // Como um fuzil no cérebro fervente, (Álvares de Azevedo, *Poemas malditos*, p. 77)
- Vendo a conjuração pérfida e negra // Que se prepara ao crime (Basílio da Gama, *O Uruguai*, p. 31)
- Negras aves de rapina // Mostram a garra assassina. (Cruz e Sousa, *Obra completa*, p. 43)
- Vi negras feras e serpentes pérfidas, // Demônios de furor (Fagundes Varela, *Poesias completas*, p. 131)

### 3.10. DESLEALDADE, INGRATIDÃO

- [...] sobre quem iam recair ainda que por momentos suspeitas da mais negra deslealdade, tudo isto eram reflexões que o en-

chiam da mais cruel inquietação (Bernardo Guimarães, *O ermitão do Muquém*, p. 27)

- [...] sepultar a negra ingratitude dos amigos ausentes. (Inglês de Sousa, *O missionário*, p.110)

- [...] não haveria ingratitude mais negra do que a do Leonardo para com aquela que tão benignamente o acolhera. (Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias*, p. 110)

### 3.11. FEITIÇARIA, SATANISMO, BRUXARIA

- Não julguem que fosse negro. Parecia até branco e não fazia feitiços. Contudo, todo o povo das redondezas teimava em chamá-lo de “feiticeiro”. (Lima Barreto, *Histórias e sonhos*, p. 50)

- [...] estranha superstição européia de que todo negro ou gente colorida penetra e é sagaz para descobrir as coisas malignas e exercer a feitiçaria. (Lima Barreto, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, p. 100)

### 3.12. PEDANTISMO, BOÇALIDADE

- estilo culto não é escuro, é negro, e negro boçal e muito cerrado. É possível que somos portugueses e havemos de ouvir um pregador em português e não havemos de entender o que diz?! (Antônio Vieira, *Sermões escolhidos – Sermão da Sexagésima*, p. 6)

- [...] algumas negras boçais (Inglês de Sousa, *O missionário*, p. 36)

- Foi dizendo isto a um petulante crioulo, muito preto, de um preto fosco e desagradável, cabeleira grande, gordurosa, reparti-

da ao alto, e o chapéu a dançar-lhe em cima dela. (Lima Barreto, *Histórias e sonhos*, p. 92)

### 3.13. HEDIONDEZ, FEIÚRA, MONSTRUOSIDADE

- [...] calças arregaçadas até os joelhos, preto como carvão, as pernas curvas formando um grande O (Adolfo Caminha, *A normalista*, p. 65)

- Mal acordada do terrível pesadelo que acabava de ter, vendo ainda esboçada na sua imaginação a figura hedionda do negro com os bugalhos injetados (Adolfo Caminha, *A normalista*, p. 86)

- Um preto beberrão sobre uma pipa //Aos grossos beiços a garrafa aperta... (Álvares de Azevedo, *Poemas malditos*, p. 13)

- [...] não era melhor que tivesse nascido bruta e disforme, como a mais vil das negras (Bernardo Guimarães, *A escrava Isaura*, p. 30)

- Negro monstro os sustenta por baixo (Gonçalves Dias, *Poesia completa*, p. 23)

- [...] negras velhas, feias e repelentes (Inglês de Sousa, *O missionário*, p.153)

Tais sugestões contrastam com as de delicadeza, graciosidade, beleza e suavidade atribuídas a “branco” e “alvo”:

- [...] via-a com os olhos azuis, a tez branca e rosada, o gesto delicado e gracioso, dominando todas as demais damas que deviam estar no salão da viúva Meneses. (Machado de Assis, *Papéis avulsos*, p. 32)

- Eram os seios alvos e velados de azul, trêmulos de desejo (Álvares de Azevedo, *Noite na taverna*, p. 31)



- Tem os seios tão alvos, tão macios // Como o pêlo sedoso dos arminhos. (Álvares de Azevedo, *Poemas malditos*, p. 42)
- Cor clara e tez delicada como de qualquer branca (Bernardo Guimarães, *A escrava Isaura*, p. 62)

### 3.14. MISÉRIA, HUMILHAÇÃO

- Sou eu quem o teu negro pão consome... // O teu mísero pão, mísero atleta! (Castro Alves, *Obra completa*, p. 22)
- As crianças negras, vermes da matéria (Cruz e Sousa, *Obra completa*, p. 162)
- [...] injuriado, cuspidor, açoitado como um negro (Inglês de Sousa, *O missionário*, p. 42)

### 3.15. NOJO, NÁUSEA, IMUNDÍCIA, PODRIDÃO, LIXO

- Saem à rua suja de negras e cascas de amendoim. (Alcântara Machado, *Brás, Bexiga e Barra Funda*, p. 31)
- Depois conduziram-no à cama, sem sentidos, vomitando uma coisa preta... João fez esgares de nojo. Todos cuspiram. (Adolfo Caminha, *A normalista*, p. 110)
- [...] e logo surgiu-lhe em frente a figura nauseabunda e miserável do negro. (Adolfo Caminha, *A normalista*, p. 64)
- Que horror! Ela, mais que depressa, cobrindo o rosto com as mãos, quis fugir, sentindo toda a hediondez daquele corpo imundo, mas o negro deitou-a no chão com força e... (Adolfo Caminha, *A normalista*, p. 64)
- [...] um miserável, um sujo, que não pusera nunca um paleto, e que vivia de cama e mesa com uma negra!" (Aluísio Azevedo, *O cortiço*, p. 8)

- E tinha de estirar-se ali, ao lado daquela preta fedorenta a cozinha e bodum de peixe! (Aluísio Azevedo, *O cortiço*, p. 80)
- [...] ele tinha em casa uma amiga, uma preta imunda com quem vivia! (Aluísio Azevedo, *O cortiço*, p. 116)
- Quando falava nos pretos dizia "Os sujos" e quando se referia a um mulato dizia "O cabra". Sempre fora assim e como devota, não havia outra (Aluísio Azevedo, *O mulato*, p. 3)
- Ficam as pobres moças sujas de corpo e alma na companhia de semelhante corja! Afianço-lhe meu caro senhor doutor, que, se conservo pretos ao meu serviço, é porque não tenho outro remédio! (Aluísio Azevedo, *O mulato*, p. 40)
- E toda essa miséria, toda essa imundícia, que até então se lhe revelava aos bocadinhos, fazia agora uma grande nuvem negra no seu espírito, porque, gota a gota, a tempestade se formara. (Aluísio Azevedo, *O mulato*, p. 129)
- Em negra podridão imundos vermes roam-te sempre a crica (Bernardo Guimarães, *A origem do menstruo*, p. 3)
- [...] misturada com esta corja de negras beíquidas e catingentas (Bernardo Guimarães, *A escrava Isaura*, p. 31)
- [...] para te satisfazer far-te-ei mulher do mais vil, do mais hediondo de meus negros (Bernardo Guimarães, *A escrava Isaura*, p. 39)
- [...] despojos negros da vida (Raul Pompéia, *O Ateneu*, p. 114)

Observemos, por outro lado as conotações de higiene, limpeza, asseio ou decência, aplicadas a "branco" e "alvo":

- E o que deles se exigia, era apenas voz doce, olhar meigo, dentes bem claros, lábios vermelhos, rendas alvíssimas na camisa, e mãos brancas de unhas limpas. (Aluísio Azevedo, *A mortalha de Alzira*, p. 8)

- A estátua branca e pura de alabastro (Castro Alves, *Obra completa*, p. 58)
- [...] flores alvas e perfumadas, com os orvalhos da manhã. (José de Alencar, *Ubirajara*, p. 32)

### 3.16. DEPRAVAÇÃO, PROMISCUIDADE, LASCÍVIA, PECADO, VÍCIOS

- Todos conhecem o modo por que se vestem as negras na Bahia: é um dos modos de trajar mais bonito que temos visto; não aconselhamos porém que ninguém o adote; um país em que todas as mulheres usassem desse traje, especialmente se fosse desses abençoados em que elas são alvas e formosas, seria uma terra de perdição e de pecados. (Manuel Antônio de Almeida, *Memórias de um sargento de milícias*, p. 46)
- Era uma rapariga esplêndida, mas tão depravada, tão impoluta que acabou fugindo com um jóquei do Prado pernambucano, um negro! (Adolfo Caminha, *A normalista*, p. 48)
- Na negra esteira dos vícios (Fagundes Varella, *Poesias completas*, p. 135)
- [...] forma o negro quadro da condenação eterna (Inglês de Sousa, *O missionário*, p.42)
- Tem o cabelo castanho e crespo, duas coisas lindas sem dúvida, embora minha paixão seja a trança basta e lisa, negra como uma asa de corvo. Esse negrume dá à mulher o quer que seja de satânico: lembra que ela também gerou-se da terra; não é anjo somente; não é somente filha do céu. (José de Alencar, *A pata da gazela*. p. 5)
- De negros antros coberto // Do negro vício as máximas corruptas! // os negros horrores // E o fruto de meus dias, negro, podre, // Do galho eivado rolará por terra! (Fagundes Varella, *Poesias completas*, p. 78)

Em sentido oposto, os lexemas “branco” e “alvo” com bastante frequência sugerem inocência, virgindade, pureza, aura de santidade. Dos inúmeros, que se colhem com facilidade, eis alguns exemplos:

- Um vestido branco, de finíssima cambraia, envolvia-lhe castamente o corpo, cujas formas aliás desenhava, pouco para os olhos, mas muito para a imaginação. (Machado de Assis, *Papéis avulsos*, p. 69)
- Loureiro que nesses momentos era como um escravo das mãozinhas brancas e delicadas da Lídia. (Adolfo Caminha, *A normalista*, p. 54)
- [...] criadinhos morenas e rechonchudas, com os seus vestidos brancos de ver a Deus (Adolfo Caminha, *A normalista*, p. 57)
- [...] tirar-lhe o lírio branco da virgindade (Adolfo Caminha, *A normalista*, p. 67)
- [...] receosos de magoarem a candidez da sua alma virginal, branca noiva de Deus! (Aluísio Azevedo, *A mortalha de Alzira*, p. 53)
- [...] sob as asas brancas da vossa divina graça (Aluísio Azevedo, *A mortalha de Alzira*, p. 54)
- [...] a Santa sorria para ele, banhada de ternura, toda de branco e coroada de flores de laranjeira, como uma noiva. (Aluísio Azevedo, *A mortalha de Alzira*, p. 82)
- A piedade é o perfume da moral religiosa, é o lírio branco e místico do amor pelos seus semelhantes. (Aluísio Azevedo, *A mortalha de Alzira*, p. 104)
- Olha! entre as folhas floridas do vale dorme uma criatura branca como o véu das minhas virgens. (Álvares de Azevedo, *Noite na taverna*, p. 17)
- Ó Virgem branca, Estrela dos altares, // Ó Rosa pulcra dos Rosais polares! (Cruz e Souza, *Obra completa*, p. 12)

- Ceci – é a virgem loira das brancas harmonias (Cruz e Sousa, *Obra completa*, p. 16)
- Vão nossas almas brancas e floridas // Pelo futuro azul das nossas vidas, // Sempre se amando, sempre se querendo. (Cruz e Sousa, *Obra completa*, p. 21)
- É preciso humildade, é necessário // Fazer do coração branco sacrário (Cruz e Sousa, *Obra completa*, p. 38)

#### 4. CONSIDERAÇÃO FINAL

Pelos exemplos apresentados, não resta nenhuma dúvida de que, sendo a linguagem um espelho da sociedade, no Brasil se nutre em relação ao negro um forte e cruel sentimento de aversão e preconceito. Numa época em que tanto se fala de igualdade de direitos e de respeito à pessoa humana, é necessário que se tenha uma consciência da dimensão desse problema, a fim de que de algum modo surjam iniciativas de mudança. Eliminando-se toda a hipocrisia e denunciando essas formas de segregacionismo, será possível esperar por uma sociedade mais justa. Somente assim, colocando o preto no branco, teremos um país livre dos estigmas do preconceito racial.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, José de. *Encarnação*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- \_\_\_\_\_. *Lucíola*. 12. ed. São Paulo: Ática, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Iracema*. 24. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- \_\_\_\_\_. *O guarani*. 20. ed. São Paulo: Ática, 1996.
- \_\_\_\_\_. *A pata da gazela*. 15. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Ubirajara*. <<http://www.bibliotecavirtual.org.br>>, 2002.

- ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. Rio de Janeiro: INL, 1969.
- ALVES, Castro. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- ARAÚJO, Murillo. *Carrilhões*. <<http://www.bibliotecavirtual.org.br>>, 2002.
- AZEVEDO, Aluísio. *A mortalha de Alzira*. São Paulo: Martins, s/d.
- \_\_\_\_\_. *O mulato*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- \_\_\_\_\_. *O cortiço*. 30. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- AZEVEDO, Álvares de. *Macário*. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Noite na taverna*. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Poemas malditos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- \_\_\_\_\_. *Histórias e sonhos*. <<http://www.bibliotecavirtual.org.br>>, 2002.
- CAMINHA, Adolfo. *A normalista*. <<http://www.bibliotecavirtual.org.br>>, 2002.
- COSTA, Cláudio Manoel da. *Poemas*. São Paulo: Cultrix, 1966.
- CUNHA, Euclides da. *Contrastes e confrontos*. Rio de Janeiro: Record, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Peru versus Bolívia*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Os sertões*. 19. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1946.
- DIAS, Gonçalves. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1959.
- FERREIRA, Aurélio B. de H. *Dicionário Aurélio eletrônico - século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- GAMA, Basílio da. *Uruguai*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1941.

- GUIMARAENS, Alphonsus de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1960.
- GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. São Paulo: Melhoramentos, s/d.
- \_\_\_\_\_. *O ermitão do Muquém*. <<http://www.bibliotecavirtual.org.br>>, 2002.
- \_\_\_\_\_. *A origem do mênstruo*. <<http://www.bibliotecavirtual.org.br>>, 2002.
- MACHADO, Antônio de Alcântara. *Brás, Bexiga e Barra Funda & Laranja da China*. São Paulo: Unidade Livros, s/d.
- MATOS, Gregório de. *Obra poética*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.
- PENA, Martins. *As melhores comédias de Martins Pena*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.
- POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. 16. ed., São Paulo: Ática, 1996.
- SOUZA, Inglês de. *O missionário*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1992.
- SOUZA, João da Cruz e. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1961.
- TÁVORA, Franklin. *O cabeleira*. São Paulo: Três, 1973.
- VARELLA, Fagundes. *Poesias completas*. São Paulo: Saraiva, 1956.
- VIEIRA, Antônio. *Sermões escolhidos*. São Paulo: Edameris, 1965. v. I e II.